MAXIME HOTEL

A História e as Estórias

OS LOUCOS ANOS 20

Após a recessão do pós-guerra em 1920-21, os anos 20 marcavam uma nova etapa nos países mais desenvolvidos e industrializados, de maior relevo nos EUA, Inglaterra e Alemanha. Os loucos anos 20, apelidados como o novo Iluminismo Moderno, simbolizavam a prosperidade de carácter económico, social e cultural. Quase tudo se desenvolvia muito rapidamente a nível tecnológico e o povo consumia mais do que nunca. Com as 8 horas de trabalho e as férias pagas já institucionalizadas, surgia como objectivo de vida o bem-estar e a abundância. Porém este desenvolvimento não é homogéneo, nem no tempo nem no espaço. Enquanto as novas indústrias floresciam, as actividades primárias como a agricultura, os textéis e a exploração de minério eram desvalorizadas e sofriam declínios dos preços. No decorrer dos anos 20, a sensação de prosperidade era real, no entanto, escondia muita miséria e contradições que só no final da década foram reveladas. O crescimento económico transformava de forma clara o quotidiano de todos os sectores sociais, pois o aumento do poder de compra, redefine o “bem-estar” como um direito que deve ser alargado a todos. O capitalismo liberal passa a explorar tudo o que é rentável, e em particular o divertimento enquanto novo sector de consumo. Uma verdadeira alteração cultural acontece: o trabalho que era essencial passa a ser acessório e o divertimento torna-se essencial à vida de todos os sectores da sociedade. Todos se reorganizam em função do tempo de lazer, dando lugar a uma diversificação de espaços destinados a ocupar os tempos livres e ao gozo da vida.

O JAZZ, A GARÇONNE E OS CLUBES NOCTURNOS COMO SíMBOLOS DOS NOVOS TEMPOS

O jazz, a garçonne e os cabarets foram alguns dos símbolos de diversão que marcaram os anos 20. O grande impacto do jazz só é percebido numa sociedade que se predispõe e incita o desenvolvimento do consumo dos serviços de diversão. A moda do jazz foi para os mais conservadores um exemplo da decadência dos bons costumes devido à expressão da dança desenfreada do fox-trot, como uma analogia ao movimento sexual. Para outros, foi a música popular da cidade industrial e ainda a manifestação de um novo mundo activo, enérgico e de diversão sem limites. O estilo garçonne também marcou estes loucos anos, com as jovens de cabelo curto, que fumam, bebem e que têm um comportamento excêntrico, provocador e desrespeitador de tabus e bons costumes, que elevam o prazer a um objectivo de vida.

Os clubes nocturnos eram um exemplo da degradação, fruto dos anos loucos, nascidos do jazz e da sede de diversão. Estes locais de prazer nocturno estavam ligados a uma espiral de tráfico, protecção e corrupção por parte das forças policiais, não faltando o tráfico de mulheres. A par destes estabelecimentos clandestinos, existiam ainda locais de dança para elite com música mais suave. Estes anos entre as duas guerras mundiais foram notáveis pela popularidade dos dancings enquanto entretenimento de todos os níveis da sociedade, onde o jazz era o rei, sobretudo pela sua irreverência e extravagância.

Marinetti, na sua visão futurista, é o primeiro a defender o cabaret como expressão da arte moderna no momento em que era ainda desdenhado pela intelectualidade e pelos frequentadores dos velhos e austeros clubes da elite. Os jovens artistas, ávidos de espaços onde pudessem expôr o seu exotismo rebelde e bizarro, encontram nestes locais o espaço perfeito.

A LISBOA COSMOPOLITA DO PÓS-GUERRA

Após a I Guerra Mundial, a pacata cidade de Lisboa vê surgir aqui e ali verdadeiros atentados à sua tranquilidade secular, marcada outrora pelos brandos costumes. Uma encruzilhada entre o moderno e o antiquado, entre a tradição e a novidade, Lisboa debate-se.

São comerciantes que prosperam com negócios pouco limpos, são industriais que enriquecem nas condições favoráveis do pós-guerra, jogadores da bolsa e todo um conjunto de indivíduos que subiu na vida à custa de actividades pouco claras. O "novo rico" distinguia-se nesta altura numa sociedade pouco habituada a uma rápida mobilidade social, modificando o tecido urbano da cidade e trazendo consigo a mudança e o dinamismo à cidade. Aumenta o consumo generalizado e a ostentação, o que leva ao aumento da oferta de bens de consumo e serviços na cidade. Proliferam as joalharias, lojas de luxo e locais de diversão, onde o jogo e a prostituição têm grande destaque. Em meados de 1918, nunca se tinha visto tão grande movimento de lazer e diversão nas praias, nos teatros, nos casinos e nas lojas de moda. A moral urbana prevertia-se com o consumo desenfreado. Mas com o escalar do consumo, surgiam também os oportunistas, levando a um aumento dos assaltos e da criminalidade, e Lisboa "nova rica" conhece o reverso da medalha: o lado luxuoso e da ostentação de uns, e a miséria e pobreza de outros. A população de Lisboa cresce na ordem dos 23% entre 1920 e 1930, com a migração vinda da província, levando também ao crescimento dos bairros de lata, onde o luxo e a privação conviviam lado a lado.

OS CLUBES E A CIDADE DE LISBOA
Av. da Liberdade, Restauradores e Chiado

Se atendermos ao plano das diversões, constatamos que a zona mais frenética e agitada da cidade localizava-se entre a Avenida da Liberdade, Restauradores e Chiado. Esta era a área do mundanismo cosmopolita, onde todos afluiam. A mesma tendência era visível nos clubes nocturnos onde se vivia mais de noite do que de dia, esta zona concentrava os grandes atractivos dos clubes nocturnos da capital. Os mais ricos para usufruir dos prazeres da vida e os mais pobres para os servirem.

Os clubes enquadravam-se na única zona da cidade que deixava aos poucos de ter o seu cariz residêncial e que procurava acompanhar as necessidades económicas e sociais daquela época. Os clubes não só ficavam nessa fachada cosmopolita e mundana, como também ocupavam alguns dos edifícios mais sumptuosos dessa zona. Por exemplo, o clube Maxim`s instalou-se no velho Palácio Foz, em plena Praça dos Restauradores, tornando-se um dos ícones dos clubes nocturnos mais luxuosos da cidade. Estes clubes, para além de funcionarem essencialmente à noite, também eram procurados durante o dia para eventos sociais e familiares.

Por outro lado, outros clubes ignoraram este monopólio dos melhores edíficios de Lisboa que estes novos espaços de lazer detinham, e instalaram-se em edíficios vulgares, onde a preocupação era sobretudo com a comodidade e conforto dos seus interiores. Sendo comum a todos os clubes, a decoração era o mais importante. Uns mais luxuosos que outros, eram caracterizados por ricas escadarias, mármores caros, colunas antigas, quadros célebres de pintores como Columbano talhas deslumbrantes de artistas como Leonardo Braga. Os mais luxuosos e cosmopolitas, tinham ainda os serviços de barbeiro e manicure como serviços adicionais. Nesta faixa cosmopolita da cidade, entre 1913 e 1930, o Bristol Club de Lisboa, o Magestic-Club (Club Monumental), o Petite Foz (Ritz Club) e o Club Maxim`s eram os clubes que mais se destacavam.

A MALDITA COCAÍNA

Antes dos anos 20 em Lisboa, já existiam alguns morfinácios mas apenas para amenizar doenças graves. Em 1915, a entrada triunfal pertenceu à cocaína, pelas mãos de uma francesa, Madame Lenoir.[1] A primeira retalhista de cocaína que coincidiu com a abertura do primeiro clube nocturno, o Palace Club acompanhada de uma multidão cosmopolita que invadia Lisboa no pós-guerra. O vício alastrou rapidamente pela cidade, sendo a cocaína apelidada de “fada branca” ou de “neve” entre os frequentadores dos dancings, dos novos ricos e das damas nobres que passaram a andar com as suas caixinhas de pó branco. Era consumida essencialmente nas casas de jogo e nos cabarets, que eram também frequentados pelos traficantes que ali encontravam os seus melhores clientes. Dizia-se que eram as mulheres as principais consumidoras, mas um cavalheiro trazia sempre uma pitadinha de “neve” para si e para os amigos. Como o negócio era rentável, a repressão não conseguiu atingir grande eficácia, mesmo com a nova lei de importação de estupefacientes e da venda exclusiva em farmácias a partir de 1924. O contrabando sempre foi mais forte. Em 1926, as autoridades chegam mesmo a elaborar listas de nomes de indivíduos considerados viciados, que afixavam à porta dos clubes, para proibir a sua entrada.

—

[1] Livro: “Os night clubs de Lisboa nos anos 20” – Júlia Leitão de Barros – Lúcifer Edições – 1ª edição - 1990

O JOGO E OS CLUBES NOCTURNOS

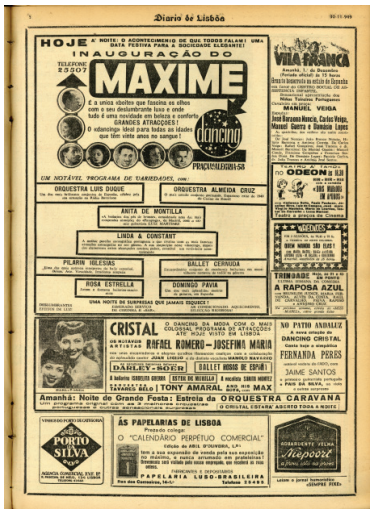
Uma das diversões que definia de forma inequívoca os clubes nocturnos lisboetas, era o jogo.

Era o jogo que atraía a mais variada clientela e que permitia os enormes lucros e exagerados consumos nos clubes. É ainda o jogo que conferia a estes locais o ambiente marginal, subversivo e fora da lei, que combinado com o jazz frenético, alimentavam a loucura dos anos 20. O jogo encontra, nos clubes de dancing, o ambiente ideal para florescer, pois eram verdadeiras camuflagens para esta prática proibida. Em poucos segundos, uma sala de roleta era transformada num ambiente animado e inofensivo de dancing, a que não faltava sequer uma orquestra. Noutros jogava-se em dancings com alçapões e manivelas, e em instantes, os dados e as roletas sumiam-se, dando lugar a uma sala de jantar ou a jardins com repuxos. Em 1918 era difícil saber se eram os dancings que albergavam o jogo ou se era o jogo que chamava a si os dancings. As tentativas de reprimir o jogo nos clubes eram inúmeras e mais efetivas em 1920 e entre 1925 e 1927. Contudo, as “luvas” falavam mais alto quando havia rusgas do Governo Civil. Os clubes já estavam de prevenção, pois já tinham sido avisados e bastava um sinal para tudo mudar. A corrupção era enorme e a polícia deixava-se comprar, realizando rusgas apenas para salvar as aparências. O que foi certo é que com a prática do jogo, surgiram muitos novos ricos e outros já ricos, perderam as suas fortunas.

Derivado à crescente repressão do jogo, surgiu a 3 de Dezembro de 1927, o novo Decreto nº 14643, que restringiu o jogo apenas a duas zonas do país, ao Estoril e Ilha da Madeira. Esta restrição obriga ao abrandamento gradual desta prática na cidade de Lisboa, levando mesmo ao encerramento da maioria dos estabelecimentos até ao final da década.

MAXIME DANCING – ANOS 40

O Maxime Dancing inaugurou em 30 de Novembro de 1949, na Praça da Alegria, em Lisboa. Inspirado pelo antigo Maxim`s localizado nos Restauradores nos anos 20, o novo ícone da noite lisboeta instalou-se num edifício novo projectado pelo arquitecto João Simões e propriedade de Carlos Cabeleira. No dia da abertura, a imprensa retratava o novo clube lisboeta como um luxuoso e moderno cabaret de inspiração parisiense, onde se faziam ouvir duas orquestras em dois palcos e se exibiam vários números coreográficos. Na inauguração estiveram presentes duas orquestras, a Orquestra Luís Duque de origem espanhola e célebre pela sua actuação na Rádio Barcelona e a Orquestra portuguesa Almeida Cruz, conhecida pelo êxito no Casino Estoril em 1949. Como atuações dançantes, destacavam-se a espanhola Anita de Montilla, conhecida como a "bailarina dos pés de bronze" e a dupla portuguesa Linda & Constant, considerado na altura como o melhor par coreográfico de Portugal.[2]



A 10 de Dezembro de 1952, aquando as comemorações do 3º aniversário do Maxime Dancing, estreia o espectáculo "Sol da Meia Noite" idealizado e realizado pelo estreante José Viana, e que contou com a participação de Raul Solnado, que se apresentou profissionalmente pela primeira vez. Foi um espectáculo de variedades idealizado e pensado para o palco do Maxime, onde faziam parte cantores, actores, bailarinos e as alternadeiras espanholas, as "Irmanitas"[3]. Raul Solnado fazia mais sucesso num dos números dos noivos, em que aparecia com um cão e contracenava com Gina Braga, mãe de Carlos Cunha. Para comemorar o 5º aniversário, a 30 de Novembro de 1954, foi convidada a mais extraordinária bailarina de Espanha, a Maria Del Sol, numa parceria com o grande empresário espanhol Don Julio Sanchez Rubio, vindos do Pasapoga Music Hall, em Madrid[4].

[2] Jornal "Diário de Lisboa" – 30 de Novembro de 1949

[3] Jornal "Diário de Lisboa" – 10 de Dezembro de 1952

[4] Jornal "Diário de Lisboa" – 30 de Novembro de 1954

Nessa época, o Maxime era de facto o grande acontecimento da noite de Lisboa. O espaço icónico imanava luxo e apresentava dois palcos com capacidade para as duas orquestras que abrilhantavam alternadamente a noite entre as 22h e as 5h da manhã. Durante esse período as orquestras eram interrompidas por um espectáculo à 1h e outro às 3h da manhã. Pelas 21h era servido o jantar. Segundo os artistas dessa época, os outros espaços de dancing como o Marrocco, o Fontória e o Ritz Club, tinham o mesmo esquema. O Maxime Dancing beneficiava ainda da proximidade com o Parque Mayer de onde, depois de sairem do teatro e do cinema, grande parte da alta sociedade enveredava para os cabarets para aproveitar o resto da noite. Era uma casa de espectáculos única e sem rival, pois tinha uma atmosfera própria, com efeitos de luz à frente do tempo, ar condicionado, aquecimento, e uma clientela rigorosamente seleccionada à entrada. Foi também nesta altura que Alfredo Marceneiro fez a primeira apresentação do "Miúdo da Bica", com o fadista Fernando Farinha.

Já era comum nesta época, nas noites regulares, as bailarinas ou cantantes, acumularem com as funções de alterne. Não mais nem menos que alternarem de mesa em mesa, incitando os clientes a beberem e a pagarem-lhes bebidas que raramente bebiam. Os líquidos eram despejados em guardanapos e substituídos por novos, a pago do cliente.

Em 1958, António Calvário da Paz conquista o palco no Maxime. "Era o melhor cabaret de Lisboa de todos os tempos. Não era um cabaret rasca, era ao mais alto nível. As empregadas que circulavam por aqui eram gente que se arranjava muitíssimo bem, não é como muitas vezes acontece agora, em que as pessoas vêm para estes sítios da mesma maneira com que vão de manhã fazer as compras à praça"[5], relembrou António Calvário as memórias daquela altura. Ali cantaram todos os grandes nomes da canção portuguesa. Para além de António Calvário, também Simone de Oliveira e Tony de Matos, chegaram a dar brilho a este cabaret. Chegou inclusivamente a receber Julio Iglesias no início de carreira. Depois dos tempos de glória entre 1949 e 1959, com a passagem do tempo, a clientela do Maxime Dancing foi decaíndo e os espectáculos áureos foram dando lugar ao fado e ao folclore em horas próprias e a meninas a despirem-se em horas impróprias. As famosas bailarinas espanholas deram

[5] "Maxime: O melhor cabaret de todos os tempos" - Gonçalo Frota - Público Online - 29 de Janeiro De 2011

lugar a bailarinas do Leste. O templo máximo do entretenimento cosmopolita, imaginado como espelho do Moulin Rouge ou do Folies Bergères, tinha dado lugar a um paraíso da decadência que perdurou durante largos anos.

Diario de Lisboa

TEATROS E CINEMAS

HOTEL VALE DE LOBOS

CHÁ DANÇANTE

MAXIME

DALILAH

ANTONIO VILAR • DANIK PATISSON

AMANHÃ: ESTREIA SIMULTANEA NOS CINEMAS

SÃO LUIZ • POLITEAMA • ALVALADE

Diario de Lisboa

A CRITICA E O GRANDE ESPECTACULO DE SALVADOR

POR CAUSA DELAS...

no MARIA VITORIA

UMA TEMPESTADE

HOJE

MAXIME

Selvagem é o Vento

3.ª FEIRA NO MONUMENTAL

Em 2006, no icónico espaço, Manuel João Vieira tentou recriar um novo cabaret português, descolado do ambiente do alterne. Já depois de Manuel João Vieira e Bo Backstrom assumirem a gerência, o Maxime rapidamente ganhou espaço no roteiro da noite lisboeta, tendo sido a casa que relançou a carreira de José Cid no histórico concerto de Abril de 2006 e por onde passaram os actores dos Sopranos Michael Imperioli e John Ventimiglia. Foi igualmente ali que os Deolinda começaram a rodar as canções que agora todo o país conhece. Aos poucos, os nomes do antigamente foram caindo dos cartazes do Maxime e durante cinco anos alternaram-se concertos de artistas como Jorge Palma ou José Cid, com números de burlesco para um público mais jovem e descontraído. Em 2011, o M vermelho incrustado numa espécie de insígnia azul apagou-se e o Maxime acabou por fechar portas.

Passados 7 anos, o expoente máximo da Lisboa boémia de meados do século passado, o Maxime faz-se Hotel, e reabre, mais apaixonado que nunca pela capital que sempre foi o seu berço. Rejuvenesce para acompanhar o lifestyle da cidade e promete ser palco de grandiosas experiências para quem procura viver e sentir a cidade no conceito vibrante e glamouroso do cabaret. O Maxime Hotel alarga horizontes para albergar dentro das suas portas a experiência do mundo inteiro. O Maxime volta a fazer história em Setembro 2018, e a mesma é escrita a partir dos seus 75 quartos de hotel, bem como a partir do palco do seu restaurante-cabaret. O espectáculo vai continuar na Praça da Alegria nº 58, em Lisboa.

Praça da Alegria, 58
1250-004 Lisboa

T +351 218 760 000

E askme@maximehotellisbon.com

Coordenadas Google Maps:
38.7182580N, -9.1452736W